



ANO IV

PASQUIM FEMINISTA
Publicação da COLETIVA FEMINISTA GSEX
ANO IV- N°2

Data de fechamento: 30/07/25

Maria Meire de Carvalho
Coordenadora do projeto

Ana Gabriela Colantoni
Gabriela Magalhães Sabino
Revisoras do projeto

Eduardo Cavalcante Melo
Design e Diagramação gráfica

PASQUIM FEMINISTA

INFORMATIVO LIBERTÁRIO ROSA GOMES



Vivemos tempos de "machismo e misoginia 5G"

por: *Maria Meire de Carvalho - coordenadora da Coletiva Feminista GSEX e da Pasquim Feminista*

Segundo palavras da jornalista Tereza Amorim, em seu artigo para o jornal Marco Zero, atualmente "vivemos a era do machismo 5G: mais rápido, mais jovem e alimentado pela inteligência artificial". Nessa direção é possível perceber que os modelos de masculinidade tóxica cresceram nos últimos anos e ganharam força com as narrativas da mídia em redes promovida por alguns coaches e youtubers, disseminadores de misoginia. Esses apelos de exacerbar a masculinidade só demonstram que a misoginia e o machismo não envelheceram, pelo contrário, rejuvenesceram e se alastram entre garotos e jovens.

Para Tereza Amorim não estamos apenas diante de um problema de mídia digital, mas sim, estamos presenciando uma sociedade que terceirizou a educação emocional de meninos em plataformas que lucram com o ódio contra as mulheres e meninas.

Mas, esse ódio machista que aposta no "like" de seguidores não se restringe à mídia digital. Ele se sedimenta na cultura societal no mundo real. Aplicativos disponíveis na Apple Store e Google Play permitem que qualquer foto pública de uma mulher seja despida por inteligência artificial e em poucos segundos se tornem imagens hiper-realistas da mulher nua, que pode ser usada para humilhação, vingança ou chantagem. São essas e outras situações constrangedoras de machismo recreativo, já consideradas como "estupro digital", do século XXI.

Estudos como o do NETLAB/UFRJ, em parceria com o Ministério das Mulheres revelam que entre 2018 a 2024, o YouTube permitiu que 137 canais pregassem ódio contra as mulheres, somando 3,9 bilhões de visualizações - essa é a indústria da misoginia, onde também promovem consultorias de masculinidade e cursos misóginos. Um negócio lucrativo, segundo a jornalista, "insento de impostos e de culpas".

Não se trata de uma geração misógina, ninguém nasce misógeno, ninguém nasce odiando, é uma construção cultural retrógrada, na qual os jovens estão sendo mais machistas que seus pais - é a disseminação do "reino do algoritmo", ou seja, o algoritmo sendo utilizado como o "novo patriarca". O panorama global é sombrio, os conservadores alegam a primazia da "liberdade de expressão" e assim prospera uma guerra silenciosa contra os feminismos. E nós seguimos em lutas, em exaustão e adoecimento.



Chamado aos homens para combater a violência contra as mulheres

por: Ana Gabriela Colantoni - Docente do curso de Filosofia da UFG, integrante da Coletiva Feminista GSEX.

Defender uma sociedade justa é dever de toda a sociedade. Da mesma forma que sou branca e aliada na luta anti-racista; que sou cis e heterossexual e aliada à comunidade LGBTQIA+; penso que é importante que os homens sejam aliados na luta feminista, mesmo porque, há espaços que eu não sou ouvida, pelo simples fato de ser mulher.

No jornal francês “Le Monde”, de 18 de Fevereiro de 2025, na sessão “Idées”, na página 25, vários homens da área de saúde, especialmente médicos de várias especialidades, assinaram um artigo sobre o espaço sexista da medicina, que vai da violência simbólica à violência sexual. Confessaram que é frequente os ambientes em que são compartilhadas imagens degradantes das mulheres, onde às vezes prefiguram cenas de violação. Também confessaram que testemunharam cenas de violência ou assédio sexual. Afirmam que algumas vezes riram com os grupos de piada sexista, outras vezes contentaram-se com uma neutralidade silenciosa e que pouquíssimas vezes expressaram uma parcela da desaprovação. Relataram que, em uma pesquisa da Ordem da Medicina na França, 54% das mulheres médicas em atividade já sofreram violência sexista e sexual.

A maioria das violências ocorreram no período de formação dessas mulheres, por seus professores, supervisores de estágios e superiores. A pesquisa também traz o dado de que 65% dos médicos afirmam saber de violências sexistas e sexuais cometidas por colegas, porém há um pacto de silêncio que é a causa do fracasso das instituições universitárias e hospitalares diante dessa situação vergonhosa. A necessidade de depender de uma hierarquia geralmente masculina para se formar garante a permanência da situação. Então homens reuniram-se e decidiram denunciar o sexismo sistêmico, na área de atuação deles. Penso que esse tipo de atitude deveria inspirar ações no Brasil. Precisamos reconhecer que, no estágio em que estamos, precisamos dos aliados, mesmo porque há homens que não ouvem, de forma alguma, as mulheres. Penso que as instituições deveriam investir nesse tipo de pesquisa. Ao mesmo tempo que o número de denúncias aumentam por causa da divulgação dos canais de atendimento, nós ficamos sabendo de inúmeros casos que não são denunciados, por vergonha e por medo.

Então penso que chegou a hora dos homens que não concordam com essa situação fazerem a parte deles nos espaços onde são mais ouvidos do que as mulheres. De qualquer modo, faz-se necessário destacar que o nosso ideal, ou seja, onde queremos chegar, não está na ampliação de modos de combate à violência contra as mulheres, mas sim no fim da violência.



Mulheres e sub-representação política: vamos falar sobre responsabilidades?

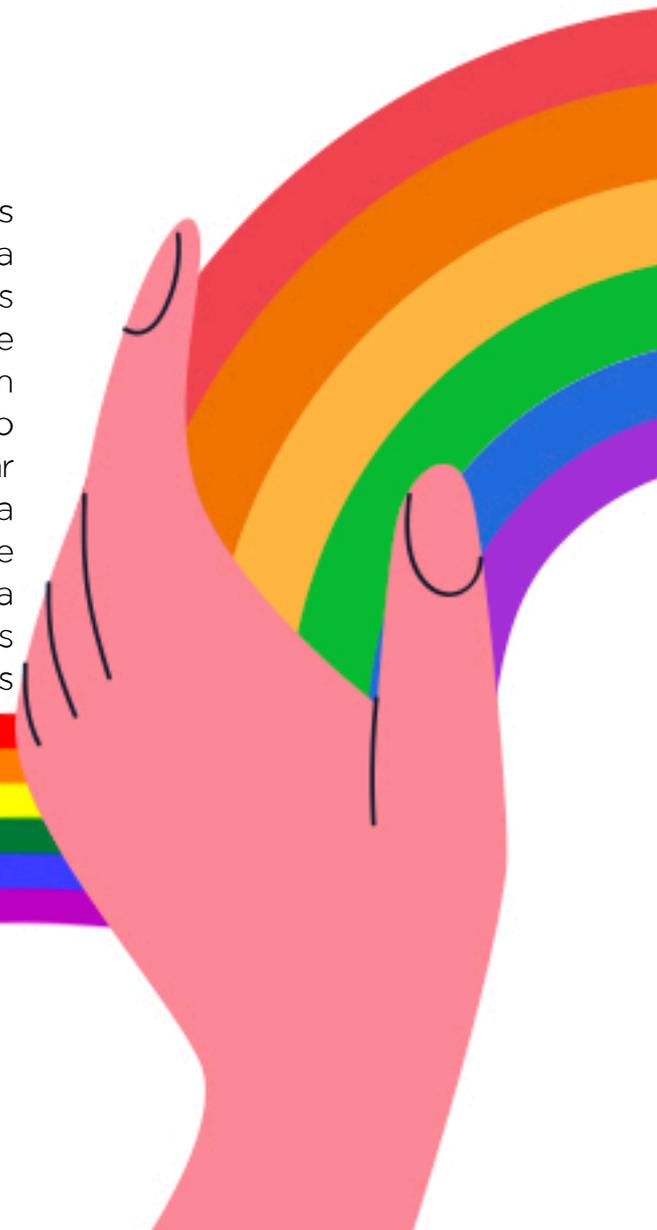
por: *Giovana Dal Bianco Perlin - doutora e mestra em Psicologia, especialista em Ciência Política.*
E-mail: giovanaperlin@gmail.com

Há uma clara diferença entre as barreiras enfrentadas para o ingresso de mulheres nas casas legislativas e o seu ingresso em posições estratégicas de poder dentro delas. No primeiro caso, não descartadas as barreiras estruturais de gênero, o ingresso das mulheres depende de um movimento decisório coletivo que envolve partidos e eleitores. No segundo caso, a barreira são os próprios pares parlamentares, cúpulas dos partidos e cúpula do executivo. Considerando que as decisões dentro do parlamento são centralizadas, localizadas na mesa diretora, principalmente na figura do presidente, não há mais como se apoiar nas escolhas coletivas para justificar a escassez de mulheres em posições de poder no parlamento. A responsabilidade, superadas as urnas, é do restrito grupo que detém o poder de escolha de presidências, de relatorias de projetos importantes e de negociação de pastas ministeriais: ou seja, das cúpulas dos partidos e da cúpula do executivo.

No contexto do presidencialismo de coalizão, no qual a governabilidade depende das relações entre executivo e legislativo, é um pequeno grupo que escolhe quem toma as decisões sobre os rumos do país. Tanto o grupo que faz as escolhas quanto o grupo que decide, não incluem mulheres em sua composição. Trata-se de uma falácia de representação política, já que as mulheres entram no jogo da representação - conseguem ser eleitas - mas não participam efetivamente na negociação das decisões centrais e mais caras para a condução política e governamental do país.

Atualmente há uma mulher na mesa diretora da Câmara dos Deputados em cargo coadjuvante - 3ª secretaria, 5 mulheres em presidências de comissões permanentes (de 30 comissões), uma mulher em presidência de comissão especial (de 7 comissões) e, 4 mulheres participando da reunião de líderes (de 22 líderes).

Para além da análise proporcional da participação das mulheres nesses espaços, devemos analisar as consequências de sua sub-representação qualitativa, ou seja, com exceção da Comissão de Constituição, Justiça e de Cidadania, ocupada por uma mulher, os outros cargos possuem pouca ou nenhuma influência no jogo político do presidencialismo de coalizão. Instituições mudam. O maior desafio é que elas mudam, principalmente em curto prazo, por meio da ação dos seus próprios atores ou organizações. Neste caso, o ambiente está pouco favorável, já que os principais atores com poder para proporcionar as mudanças são os homens. É com esses, entre outros desafios, que temos que lidar para que o jogo político seja jogado de forma mais equilibrada e justa. Mas é importante apontar para algumas responsabilidades. Cúpulas de partidos poderiam colocar em sua agenda a necessidade de diversificar a representação política, não apenas numericamente, mas substantivamente. Significaria, finalmente, compartilhar não apenas espaço, mas poder.



RECONHECENDO-SE PUTA: ENTRE O TRABALHO COM SEXO E O PESQUISAR O TRABALHO SEXUAL

por: Laura de Kundera - bacharel em Ciências Humanas com eixo em Ciências Sociais (ICH/UFJF) e bacharelada na Área Básica de Ingresso (ABI) em Ciências Sociais (ICH/UFJF).

Trabalha há 7 anos como camgirl/webmodelo na indústria do webcamming.

E-mail: laura.foine@estudante.ufjf.br

Ingressei no webcamming assim que completei 18 anos, em agosto de 2017, antes mesmo de receber a notícia de que fui aprovada no vestibular para cursar licenciatura em história. O mundo erótico-pornográfico da internet fez parte da iniciação sexual de grande parte da adolescência da minha geração, naquele gap entre nossos pais analógicos e nossa natividade digital. Assim, desde a puberdade, a webcam já me atraía através de sites como Chatroulette, onde exercitei um pouco inglês para me comunicar com adolescentes de todo o mundo. Foi muito natural, que aos 18, a possibilidade de ganhar dinheiro trocando ideias enquanto negociava meu exibicionismo chamasse tanta a minha atenção, a ponto de solicitar a conta em uma famosa plataforma estrangeira tão imediatamente.

Não muito tempo depois, mas já inserida em um curso de graduação e morando sozinha, a possibilidade estampada nas plataformas de webcamming nacionais, ofertando rendas de até R\$30.000, foram ainda mais atrativas. No início da vida adulta, a possibilidade de receber tanto, associada ao status de ser “modelo”, era algo completamente novo para mim. O camming então rapidamente ocupou o espaço da minha graduação, em suas exigências de longas jornadas de horas online e maratonas competitivas de 24 horas organizadas pelo próprio site. E afastada da faculdade, somando reprovações e notas baixas, comprometida com a divulgação de meus serviços nas redes sociais e devendo parcelas infinitas para o cartão de crédito, que me deparo com os primeiros textos acadêmicos brasileiros sobre o webcamming de plataforma: era justamente aquilo que estava vivendo. A sensação artificial de ser uma “modelo” sempre se tornava confusa, toda vez que me perguntavam sobre o meu trabalho. Entre desconversas, mentiras e omissões, o contato com a perspectiva acadêmica sobre a exploração do trabalho sexual, o contato com o próprio conceito de trabalho sexual, somado à exaustão das noites transmitindo, lentamente despertou uma consciência de classe em tudo o que eu fazia.

Dentre os debates sobre os “malefícios” da pornografia e sobre a abolição da prostituição no Brasil dentro do movimento feminista, ali sempre silenciada ou invisível, estava a voz da puta. Antes de finalmente conseguir ter contato com o movimento de prostitutas, que intensificou sua virtualização após a pandemia de 2020 como forma de manter-se ativo e garantir o direito ao trabalho sexual como um trabalho essencial, passei por um período torturante de assumir-me puta. Primeiro, para mim mesma, segundo, para minha família e amigos, e por último, para minha perspectiva militante sobre trabalho e sexualidade, dentro e fora da vida acadêmica. Abandonei meu primeiro curso de graduação, num momento onde toda essa redescoberta da minha vida, agora indissociável do estigma, carregou-me para uma depressão profunda.

Continua na próxima página...



Foi um parto conseguir refazer o ENEM em pleno ápice da pandemia de COVID-19, ao mesmo tempo que retomava minhas atividades dentro do trabalho sexual, com uma nova perspectiva. Neste novo curso, desde que entrei já sabia que queria produzir pesquisa sobre webcamming e trabalho sexual no Brasil, sobre o limbo jurídico em que nós nos encontramos, e com a influência e potência de Monique Prada, Lourdes Barreto, Amara Moira, Soila Mar, Carolina Bonomi, e todas outras porta-vozes do movimento de prostitutas, consolidei esse desejo de pesquisar o trabalho que exerço na forma de meu TCC, garantindo-me o título de Bacharel. Se antes o trabalho sexual que eu exercia sob a cegueira do marketing das plataformas colocou-me em vulnerabilidade inúmeras vezes, agora o trabalho sexual que exerço em ativismo é o motor que alimenta minhas conquistas e me incentiva à vida acadêmica, me dá propósito e senso de responsabilidade. Convido por meio deste texto a quem trabalha em qualquer modalidade virtual do trabalho sexual, seja como alt model, seja como webmodelo, camgirl, camboy, etc., seja na “criação de conteúdo adulto”, a observar sua própria atividade com um olhar crítico para além do discurso marketeiro, para além das defesas distanciadoras do “não sou garota de programa/não faço presencial”, e mais próximo do que o movimento de prostitutas brasileiro, ativo desde a ditadura militar, tem a nos ensinar. Convido, por meio deste texto, que a quem o leia, reconheça-se puta.

Tornando-me uma camgirl, reafirmando-me puta

por: Carolina Carvalho Dias - bacharel em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: carolinacdias5@gmail.com

Ser trabalhadora sexual não costuma ser o que imaginamos quando somos crianças e nos perguntam o que queremos ser quando crescermos. Dificilmente alguém dirá com orgulho “quero ser prostituta” ou ainda, “quero vender pack do pé”, se pensarmos o contexto digital da atualidade. Muito pelo contrário, somos ensinadas a evitar tudo que possa levar o outro a pensar que somos putas. Apesar dos estigmas, o trabalho sexual encontra algumas de nós, ainda que algumas saiam e outras permaneçam nele.

Eu me tornei camgirl no ano de 2021. Estava no meio do meu curso de Psicologia, que ocorria em período integral - manhã e tarde. Juntamen-

te com a maternidade, era quase impossível achar qualquer emprego que se encaixasse nos meus horários caóticos. Conciliando bicos e uma bolsa de iniciação científica, é de se imaginar que quando minha amiga me contou sobre seu novo trabalho, que em um mês foi o suficiente para comprar

o celular que estava precisando, minha atenção foi capturada. Foi assim que conheci o webcamming, uma modalidade de trabalho sexual realizada de forma online, através da webcam ou celular. A possibilidade de conseguir um pagamento melhor e em horários flexíveis, no conforto da minha casa, era apelativa. Por outro lado, a ideia de expor meu corpo a homens desconhecidos parecia ir contra meus princípios feministas. Como mulher branca de classe média, havia pensado pouco sobre o trabalho sexual e muito mais por uma via de um coitadismo, entendendo aquelas mulheres como sem opções e vítimas de um sistema maior. Apesar disso, me cadastrei numa plataforma estadunidense - o contorno online parecia deixar tudo mais palatável, seguro e fantasioso.

Ali, a um clique de distância de sair do chat e cancelar aquela interação totalmente, me sentia cada vez mais com um imenso poder: O poder de dar ou receber prazer, o poder de conhecer a intimidade por uma outra ótica. Além disso, pude experimentar um novo lugar, de descobrir e reafirmar meus limites. Através dessa experiência fui reformulando minhas visões sobre o trabalho. Nenhuma mulher que conheci ali era uma vítima, muito pelo contrário. E cá estava eu, uma mulher dita “com opções”, escolhendo ser puta - e gozando com isso. Refletindo sobre esse lugar controverso, iniciou-se um movimento de entender o trabalho e estabelecer uma conexão com outros referenciais acadêmicos que abordassem esse campo. Foi com surpresa e decepção que percebi o quanto a psicologia ainda fala pouco sobre o assunto.

Quando se fala em saúde da trabalhadora sexual, a maior parte dos trabalhos acadêmicos são no campo da prevenção do HIV e outras doenças. Ainda hoje, lutamos por uma regulamentação da prostituição. Quem pensa em nossa saúde para além de não sermos corpos que transmitem ISTs? A puta é uma figura mística e parece que não se quer entendê-la. Há quem diga até ser “a profissão mais antiga do mundo”. Como pode ser então que se conheça tão pouco sobre um trabalho tão enraizado na sociedade? Será que não podemos fortalecer novas narrativas sobre o sexo como trabalho? O peso do estigma segue invisibilizando essas mulheres e os impactos em suas vidas são sentidos por elas e por todos ao seu redor.

Continua na próxima página...



Quando comecei a falar mais abertamente sobre meu trabalho sexual, frequentemente fui questionada sobre como isso poderia afetar minha atuação como psicóloga. Monique Prada diz assertivamente em seu livro Putafeminista, que vivemos em “uma sociedade que nos alimenta, mas não quer que sentemos à mesa”. Porque parece uma ideia tão absurda uma puta psicóloga? Desafiar esses lugares parece um caminho importante para pensarmos uma sociedade mais inclusiva, com putas políticas, putas professoras, putas filósofas, sentadas à mesa, contando e agenciando suas próprias histórias.

Explosão feminista e as reflexões sobre o transfeminismo

por: Yasmin Moreli - discente do curso de Química da UFG e estagiária da Secretaria de Inclusão da UFG.

Quando li o livro Explosão Feminista (2018), organizado por Heloísa Buarque de Holanda, percebi o quanto a obra ressoava com minhas próprias experiências e com o que eu vejo que aconteceu ao meu redor ao longo dos anos. Aliás, quantas de nós, mulheres trans, já se sentiram sobrecarregadas com as expectativas da sociedade, justamente pelos estereótipos imputados a nós pela sociedade heteronormativa, cis, branca e colonial?

Hoje encontro forças junto com as minhas semelhantes, unidas pelo transfeminismo. Nessa obra encontrei artigos que discutem sobre a desconstrução de antigos padrões de feminilidade, textos que nos convidam a questionar o que nos foi ensinado sobre “ser mulher” e que nos apontam redefinições para o conceito de autonomia e liberdade. Os artigos também estimulam o diálogo, provocam e nos faz repensar o papel das mulheres na sociedade. “Explosão Feminista” se projeta para além de mais um livro, ele é um convite à reflexão para nós pessoas trans. Deixo aqui um lembrete: nossa voz tem poder, juntas somos uma força imparável. O feminismo, através do transfeminismo tem sido fundamental para a conquista de direitos básicos de corpos trans, uma população que sofreu e ainda sofre com a falta de estrutura que dê suporte para a humanização desses corpos. O termo transfeminismo surgiu há pouco tempo porque ainda não se falava ou não se considerava travestis e mulheres trans como mulheres. Algumas vezes nós ainda não somos vistas como seres humanos. Assim, a união transfeminista se faz necessária, pois nós já fomos rejeitadas por movimentos de mulheres cis, de homens gays e de mulheres lésbicas. Rejeitaram as mulheres trans, as travestis e nos deixaram fora da igualdade de direitos. Como se a igualdade fosse apenas para os corpos cis normativos, pois nossos corpos causam desconforto na sociedade binária.

Até mesmo o grupo, anteriormente, nomeado como GLS, não acreditava na humanização de mulheres trans. Mas, o movimento aconteceu: mulheres cis prostitutas e travestis que atuavam no mesmo ramo se uniram e começaram a movimentar, buscaram seus direitos, pelo menos o direito de trabalharem sem a opressão policial que acontecia fortemente durante o período da ditadura militar no Brasil. Nessa época, as travestis eram levadas dentro do camburão para a delegacia sem nenhuma explicação; elas eram consideradas um risco para a sociedade, tinham seus cabelos raspados, sofriam violência física e psicológica, ações que tentavam eliminar esses corpos, que só poderiam existir na noite, na escuridão. Sem uma pátria amada para proteger e amparar nada foi gentil. Linha de frente para receber a porrada do preconceito, da rejeição, da falta de oportunidade de uma existência humanizada.

Continua na próxima página...



Foram essas e outras opressões que levaram as travestis a serem estigmatizadas como portadoras do vírus HIV. Para se defenderem começaram a carregar dentro da boca uma navalha, quando eram capturadas pela polícia quebravam a navalha com os dentes, o sangue escorrendo da boca ao corpo forjava a fuga das cadeias. Atualmente temos alguns avanços nos direitos da população trans/travesti: acesso a troca de nome e gênero no RG, reservas de vagas em universidades públicas e outros. Apesar dos avanços seguirem, ainda existe uma discussão equivocada, pois indagam: “você é contra ou você é a favor de pessoas trans?” Assim, alguns até podem se dizer a favor e que são contra a violência voltadas a nossos corpos, mas também não são a favor das reservas de vagas em universidades públicas, por exemplo, como também não são a favor de aposentadoria para pessoas trans. São contra pessoas trans usarem o banheiro adequado, são contra pessoas trans nos esportes, são contra pessoas trans como professoras/es ensinando seus filhos nas escolas.

Assim, seguimos sendo alvos de perseguição. Pessoas cis instigam e financiam a caça aos corpos trans, como por exemplo a escritora Jk Rowling que usa suas redes sociais para pedir que caso alguém aviste uma pessoa trans usando o banheiro, tirem fotos e postem na internet, ou seja qualquer pessoa que não se encaixe nos padrões ocidentais heteronormativos de gênero binário estão a mercê do preconceito, estão sujeitas a passar por constrangimento, a sofrer um ataque transfóbico por parte de pessoas preconceituosas. Eles não querem corpos trans dentro da faculdade, eles não nos querem utilizando o mesmo espaço que eles, tendo as mesmas oportunidades. Para alguns, é inaceitável que uma travesti frequente o ambiente acadêmico da sociedade cisgênera. Para eles nossos corpos pertencem às esquinas vivendo da prostituição, vivendo à margem, se afundando nas drogas e com o mínimo daquilo que todo restante da sociedade vive em abundância. Mas hoje eu digo: não mais calvário para pessoas trans. Dessa maneira, assim como as mulheres cis que lutaram pelo direito ao voto, lutaram pelo direito do acesso ao aborto de forma segura e sigilosa, mulheres trans explodem - no auge de sua fúria e cansadas de viver na miséria - e resolvem se unir e exigir direitos, juntas e em unção levantam do vale dos ossos secos e transformam o pranto em festa.

Vamos demandar o respeito básico que merecemos como filhas, filhos e filhas dessa nação, direitos que todo ser humano merece, ser chamadas pelo nome, fazer três refeições ao dia, acesso ao mercado formal de trabalho. Esse país tem uma dívida histórica com a população trans, todo sangue derramado, todas as vidas que foram ceifadas hoje ecoam como um grito de justiça da nova geração que luta pela reparação e pelo acesso a viver tranquilamente como uma pessoa humana.

Nós, mulheres negras AFROntosas

por: Hellem Victoria Ribeiro dos Santos é Doutoranda Ciências Ambientais. Criadora e mediadora do Podcast AFRONte. E-mail: hellemsantos@discente.ufg.br

MunIQUE Lorany Ribeiro dos Santos é Doutoranda e mestra em Sociologia (UFG). Criadora e mediadora do Podcast AFRONte. E-mail: muniqueribeiro@gmail.com.

Pode alguém estudar, pesquisar e criar com raiva, com ódio? A resposta que se mostrou, tão logo fomos ao encontro com nossa identidade racial, foi afirmativa. Durante pouco mais de um século, ruminamos o ódio dos nossos ancestrais: dos quilombolas de Palmares e Quariterê, dos marinheiros revoltosos contra a chibata, chegando até a sentir a pulsão do levante de escravizados no Haiti, que reconquistaram, com as próprias mãos, sua liberdade. E, como resultado desse processo, nasce o Podcast AFRONte. Percebemos ser possível colocar esses sentimentos nocivos a nosso favor, canalizando-os como força motriz, combustível para algo melhor e maior. Enquanto confabulávamos como daríamos vida para esse projeto, sem dinheiro, sem equipamentos, mas com muito sangue nos olhos, nós também nos libertávamos de parte da dor, mágoa, revolta e tristeza por tudo que o racismo fez e faz com a nossa gente.

Como mulheres negras, nós sabíamos que não teríamos a chance de barganhar com o racismo e o sexismo no mercado das oportunidades digitais e algorítmicas; mas nós também sabíamos que somos inspiradas pela audácia e sagacidade de Exú. AFRONtar está no nosso DNA! Então, nós arregaçamos as mangas e, com as bênçãos dos Orixás, criamos essa plataforma de denúncia, afeto, letramento e aquilombamento que é o Podcast AFRONte. AFRONtar é atacar de frente, defrontar(-se); é enfrentar o racismo, o machismo, o classicismo, a LGBTQIAPN+fobia e toda forma de discriminação e opressão. AFRONtar é não se calar, não se sujeitar, não se alienar ao desejo neurótico de uma branquitude que tenta a todo custo nos matar. Somos mulheres negras AFROntosas pois tivemos que parir, amamentar e trabalhar nos campos; somos nós que velamos as vítimas da necropolítica (filhos, maridos, irmãos, pais); somos nós que lavamos e limpamos a sua sujeira, mas não mais. Agora, invadimos seus fones de ouvido, seu tocador digital, para cuspir todo léxico, toda gramática, toda história, toda ciência e toda tradição que nos foi roubada, expropriada.



Por meio desse veículo de comunicação, que é o Podcast AFRONte, decidimos desarticular o funcionamento do dispositivo de racialidade que nos aprisiona, e bater de frente com o epistemicídio. Desde a invasão do Brasil, nós, mulher negras, temos criado nossas estratégias para nos manter de pé e fortes, apesar das inúmeras tentativas de extermínio. Enquanto a branquitude trama seus meios para nos fazer sucumbir, nós semeamos e convidamos outras pessoas para semearem e florescerem conosco nesse espaço virtual de troca de afeto, saberes e resistência. A história da comunidade AFRONte é escrevivência! Convidamos você para escutar e conhecer as diversas narrativas, trajetórias, práticas antirracistas e de fortalecimento do nosso Orí e da nossa autoestima. Seja você também uma mulher negra AFRONTosa! Fique viva! Viva plena!

MEMÉLIA

por: Sinvaline Pinheiro.

Memélia chegou na Toca Vó Quirina, veio suavemente ver a poesia de perto.

A Toca surpresa, lhe abriu as portas e a alma, ali pisava os pés de uma mulher forte que carrega a sabedoria adquirida nos cafundós do mundo...

O sorriso aberto marca uma trajetória de décadas no jornalismo que gritava pelos camponeses, indígenas e pela natureza...

Ela escreveu, guerreou nas matas, nos palácios, enfrentando a hipocrisia e o descaso aos oprimidos, com escrita, braveza, sarcasmo e muita poesia...

E essa mulher gigante, menina sapeca, encheu a Toca com sabedoria, afagos, lágrimas e sonhos, muitos sonhos!

OBS:

Memélia é o apelido carinhoso da jornalista Luzia Amélia Jakomeit, mulher aguerrida que conhece metade do mundo, atualmente reside na Flórida; uma defensora das causas indígenas, enfrentou a ditadura, os coronéis de Serra Pelada e ...

E ela veio à Toca da Vó Quirina, em Uruaçu, conhecer a poesia que nasce aqui nos cafundós de Goiás...

BRISA

por: Tereca Coelho

Me faço árvore
Folha seca que leva
Às vezes voo leve,
Às vezes tomo no chão.
Tem dias que amarelo
Outros avermelho
Esverdeada me aconchego no galho
A brisa macia cautela e seiva
Derrete o mel nos troncos
Enraizando meu coração.



**COLETIVA
FEMINISTA
GSEX**



acompanhe nossas redes

  @coletivagsex

